SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada 2005

Antonio Meneses

Violoncelo

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada 2005

Antonio Meneses

Violoncelo

patrocínio

Banco Safra

Telefônica

VARIG Brasil

Votorantim

Antonio Meneses

Nascido em Recife, em 1957, Antonio Meneses descende de uma família de músicos e começou a estudar violoncelo aos dez anos. "Descoberto" pelo violoncelista Antonio Janigro, durante uma turnê Sul-americana do artista, o jovem músico, então com 16 anos, aceitou o convite de Janigro para completar sua formação na Europa, onde estudou em Düsseldorf e depois em Stuttgart. Meneses despontou no cenário europeu da música erudita em 1977, ao receber o Primeiro Prêmio do Concurso de Munique; cinco anos depois, a conquista do Primeiro Prêmio e da Medalha de Ouro na edição de 1982 do Concurso Tchaikovsky de Moscou daria impulso definitivo a sua carreira internacional.

Antonio Meneses vem-se apresentando como recitalista e solista de concerto nas principais cidades das Américas, da Europa e da Ásia. Dentre as orquestras ao lado das quais tocou destacam-se as Filarmônicas de Berlim, Moscou e São Petersburgo, as Sinfônicas de Viena, de Londres e da *BBC* de Londres, a *Orchestre de la Suisse Romande*, a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, as Filarmônicas de Nova Iorque e de Israel e as Sinfônicas Nacional de Washington e *NHK* de Tóquio. O elenco de maestros com os quais já colaborou inclui grandes nomes da regência orquestral da segunda metade do século XX: Herbert von Karajan, Riccardo Mutti, Mariss Jansons, Claudio Abbado, Andre Previn, Andrew Davis, Semyon Bychkov, Herbert Blomstedt, Gerd Albrecht, Yuri Temirkanov, Kurt Sanderling, Neeme Järvi, Mstislav Rostropovich, Vladimir Spivakov e Riccardo Chailly, dentre outros.

Presença constante em prestigiosos eventos internacionais de música – como o *Mostly Mozart Festival* de Nova Iorque, os Festivais de Salzburgo, Lucerna, Viena e Berlim, o Festival Primavera de Praga, os Festivais de la Grange de Meslay e Colmar e o Festival de Música de Câmara de Jerusalém –, Meneses dedica-se também à música de câmara, por meio de colaborações com os

pianistas Nelson Freire, Cristina Ortiz e Gérard Wyss, com o Quarteto Casals Hall do Japão, de que é um dos fundadores, com os Quartetos Vermeer, Amati e Carmina e, sobretudo, com o Trio Beaux Arts, de que é Violoncelista desde a Temporada 1998/1999.

A discografia de Antonio Meneses inclui os seguintes títulos: Concerto Duplo para Violino e Violoncelo, de Brahms (ao lado de Anne-Sophie Mutter, com a Filarmônica de Berlim, regência de Karajan); *Don Quixote*, de Richard Strauss (com Karajan e a Filarmônica de Berlim); um primeiro registro, lançado no Japão, da Integral das Seis Suítes para Violoncelo Solo, de Bach; Três Concertos para Violoncelo, de C. P. E. Bach (com a Orquestra de Câmara de Munique, regida pelo violoncelista); álbuns com peças pouco divulgadas, como o Concerto para Violoncelo, de Eugène d'Albert, e Obras para *Cello* e Orquestra, de David Popper (ambos com a Orquestra Sinfônica da Basiléia, regência de David Zollman); Concertos para Violoncelo e Orquestra e Fantasia para Violoncelo e Orquestra, de Villa-Lobos; Trio para Piano, Violino e Violoncelo, de Tchaikovsky, com Cecile Licad e Nadja Solerno-Sonnenberg; e os álbuns Integral das Obras para Violoncelo e Piano de Villa-Lobos, com a pianista Cristina Ortiz, e *Celissimo*, com peças curtas para violoncelo e piano, com o pianista Gérard Wyss. No segundo semestre de 2004 o artista voltou a gravar a Integral das Suítes para Violoncelo Solo, de Bach, em registro que vem merecendo elogios unânimes do público e da crítica.

Paralelamente a suas atividades nas salas de concerto e nos estúdios de gravação, Antonio Meneses dedica-se ainda ao ensino de seu instrumento, no Conservatório da Basiléia e em *master classes* que tem ministrado na Europa, nos Estados Unidos e no Japão.

fontes: http://magnatune.com/artists/meneses
encarte do CD J. S. Bach – As 6 Suites para Violoncelo
Antonio Meneses – Avie Records 2004.
Edição no Brasil: Clássicos Editorial Ltda.

Benfeitores
Cultura Artística

Benfeitores Platina

Bovespa

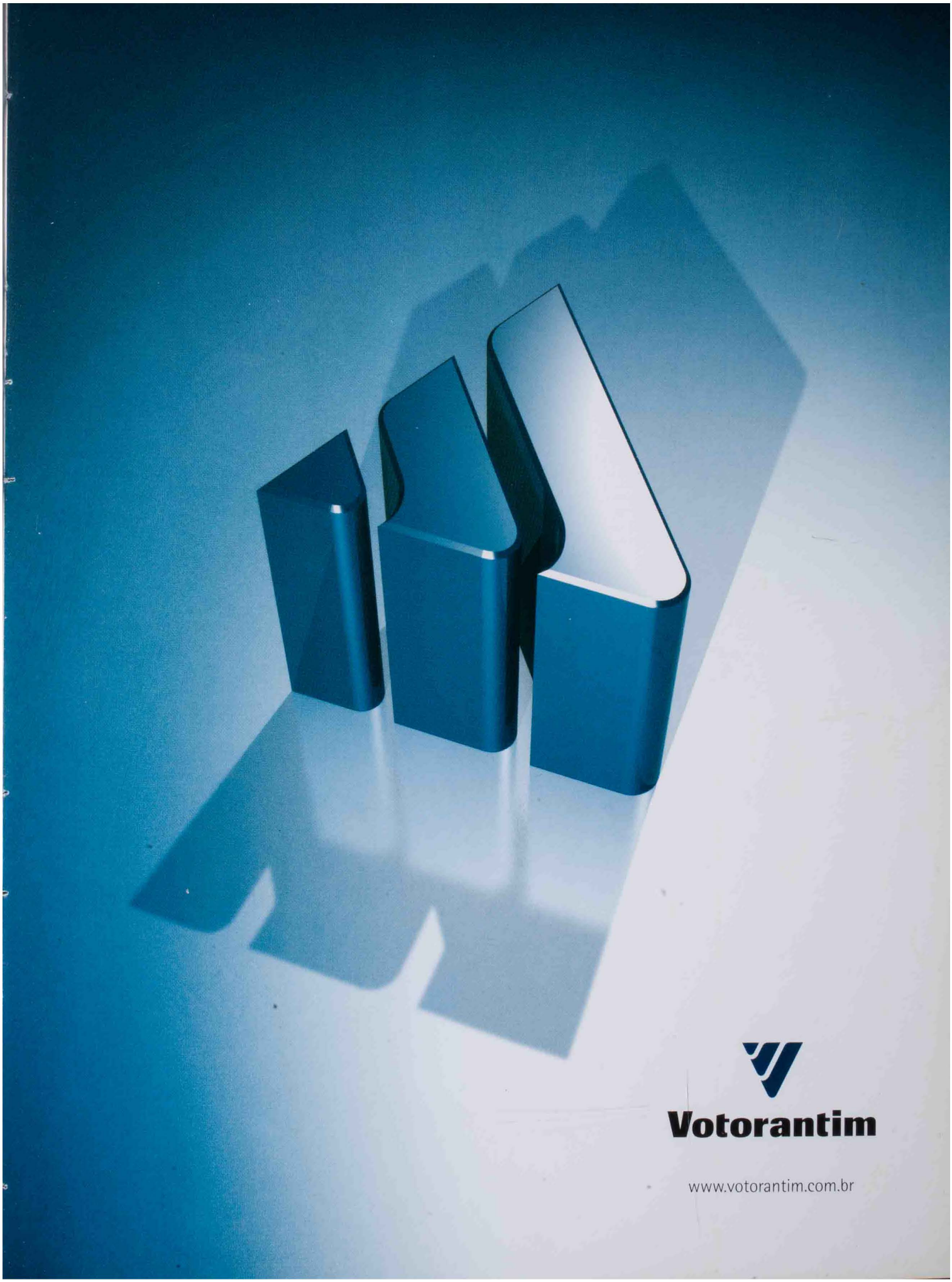
Companhia Brasileira
de Liquidação e Custódia

Varig Brasil

Benfeitores Bronze

Livraria Cultura S/A

Associação
"Sociedade de Cultura Artística"
Rua Nestor Pestana, 196 São Paulo SP
Fones (11) 3256 0223 / 3257 3261
Fax (11) 3258 3595
cultart@dialdata.com.br


Votorantim
www.votorantim.com.br

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Temporada 2005

Johann Sebastian Bach (1685 – 1750)

As Seis Suítes para Violoncelo Solo, BWV.1007 – BWV.1012
precedidas por Obras de Seis Compositores Brasileiros Atuais

Série Branca

25 de abril, segunda-feira, 21h

Ronaldo Miranda (1948)
Etius Melos (Hommage à Bach) 3'10"

Johann Sebastian Bach
Suíte nº 1, em Sol maior, BWV.1007 16'27"
Prélude, Allemande, Courante,
Sarabande, Menuets I & II, Gigue

José Antônio de Almeida Prado (1943)
Praeambulum 3'15"

Johann Sebastian Bach
Suíte nº 3, em Dó maior, BWV.1009 20'22"
Prélude, Allemande, Courante,
Sarabande, Bourrées I & II, Gigue

intervalo

Marisa Rezende (1944)
Preludiando 5'10"

Johann Sebastian Bach
Suíte nº 5, em Dó menor, BWV.1011 23'08"
Prélude, Allemande, Courante,
Sarabande, Gavottes I & II, Gigue

Série Azul

26 de abril, terça-feira, 21h

Marlos Nobre (1939)
Cantoria para Violoncelo Solo 3'50"

Johann Sebastian Bach
Suíte nº 2, em Ré menor, BWV.1008 18'29"
Prélude, Allemande, Courante,
Sarabande, Menuets I & II, Gigue

Edino Krieger (1928)
Pequena Seresta para Bach 3'

Johann Sebastian Bach
Suíte nº 4, em Mi bemol maior, BWV.1010 22'38"
Prélude, Allemande, Courante,
Sarabande, Bourrées I & II, Gigue

intervalo

Marco Padilha (1955)
Invocatio nº 1, para Violoncelo Solo 3'15"

Johann Sebastian Bach
Suíte nº 6, em Ré maior, BWV.1012 26'46"
Prélude, Allemande, Courante,
Sarabande, Gavottes I & II, Gigue

Telefônica, patrocinadora da Sociedade de Cultura Artística.

TELEFONIA FIXA
INTERNET
SOLUÇÕES PARA EMPRESAS
GUIAS DE PRODUTOS E SERVIÇOS
CONTACT CENTER
PESQUISA E DESENVOLVIMENTO
ENGENHARIA DE SEGURANÇA
FUNDAÇÃO

www.telefonica.com.br

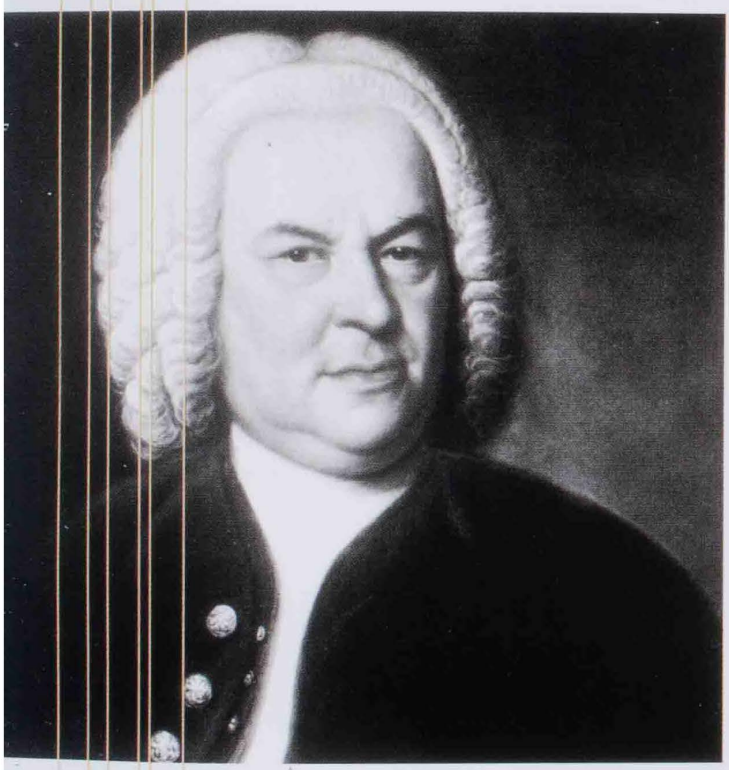
Telefônica

Para você que não consegue ouvir música no carro porque o barulho do motor não deixa.

Consultor Automotivo Itaú Seguros.
O jeito mais fácil de saber tudo o que você precisa para arrumar o seu carro. Consulte seu corretor.

Itaú Seguros

As Suítes para Violoncelo Solo de Bach



Durante os últimos anos que passou em Weimar e quase a totalidade dos que viveu em Cöthen, entre 1717 e 1723, Johann Sebastian Bach (1685 – 1750) escreveu com enorme freqüência para instrumentos de cordas e de sopro, compondo obras para solo, para pequenos conjuntos de câmara e para conjuntos maiores, dominados por um ou vários solistas.

Ao redor de 1720, depois de haver destinado muitas partituras para solista com acompanhamento de teclado ou, então, de baixo-contínuo, Bach empreendeu a fantástica aventura de "despojar" determinados instrumentos melódicos de suas habituais bases harmônicas de acompanhamento. Isso a fim de explorá-los através de insuspeitados prismas técnicos e expressivos. Nessa operação, ele acabou por abrir todo um novo e instigante capítulo da História da Música, algo que, se tomado em si mesmo, já seria suficiente para perpetuar o nome do autor.

Foi dessa maneira que, ao colocar em cena ora a flauta, ora o alaúde, ora o violino, ou o violoncelo, Bach foi entregando a cada um deles páginas repletas de música de extraordinária beleza, tanto do ponto de vista puramente eufônico quanto do seu complexo agenciamento sintático. Nelas encontram-se as mágicas alianças que as tornam, a um só tempo, de execução muito difícil e de audição bastante prazerosa. Sem risco de erro, é possível afirmar que nenhuma das Suítes, Sonatas ou Partitas pertencentes a essa privilegiada floração bachiana haveria de encontrar na posteridade alguma obra que lhe pudesse ser comparada.

Sabe-se que, anteriormente à intervenção de Bach, o violoncelo já existia para a música desde o século XVI. Era então conhecido como *basso di viola da braccio* (baixo de viola de braço), designação que mais tarde se tornaria *violoncello*. Naquela época, ele disputava a primazia da sua abaritonada tessitura com o exemplar grave correspondente da família das violas *da gamba* (literalmente "de perna"). Mesmo na Itália, onde o instrumento costumava ser mais cultivado, eram raros os músicos que, até então, haviam composto obras especialmente para o *cello* solo – Domenico Gabrielli e Domenico Galli, dentre outros poucos.

Bach foi o primeiro compositor não *cellista* a destinar ao instrumento peças para solo de alto valor artístico. E ele utilizou, com suprema maestria, algumas das mais recônditas possibilidades sono-

ras desse instrumento que, para o nosso músico, não deve ter deixado de lembrar, em alguns de seus aspectos, as ressonâncias profundas do seu amado órgão. E ao elevar o violoncelo a estratosféricas alturas expressivas, o Mestre de São Tomás acabaria por fazer, involuntariamente, soar o dobre de finados do reinado da viola *da gamba*, instrumento que só voltaria a ser revalorizado em meados do século XX.

Não se sabe ao certo exatamente quando e para quem as Suítes para Violoncelo teriam sido escritas. Há quem levante a hipótese de que as obras haviam sido destinadas a Christian Ferdinand Abel, executante de viola *da gamba* e de violoncelo do Príncipe de Cöthen, o musical patrão do compositor à época. A julgar pela complexidade da escritura de todas elas – onde as linhas melódicas implicam progressões harmônicas requintadas e onde as texturas polifônicas constituem sérios problemas para os dedos (e a alma) dos intérpretes –, chega-se à conclusão de que esse instrumentista deve ter sido dono de um excelente e bem raro *métier*.

Seja como for, a verdade é que, antes de Bach, o violoncelo era raramente utilizado como solista, na medida em que se costumava entregar a ele apenas as tarefas de acompanhamento harmônico e rítmico dos materiais melódicos das obras (importa lembrar que, nesse panorama, Antonio Vivaldi e seus Concertos para Violoncelo e Cordas foram exceção). Assim, não há exagero em afirmar ter sido o *Kantor* de São Tomás o primeiro verdadeiro explorador das possibilidades expressivas desse instrumento enquanto solista. Por outro lado, as Seis Suítes demonstraram, com meridiana clareza, a possibilidade de auto-suficiência artística do *cello*.

Depois do desaparecimento de Bach, suas Suítes para Violoncelo foram esquecidas. Mesmo o movimento Romântico do século XIX, que tanto interesse demonstrou por alguns aspectos da produção do mestre, deixou-as de lado, como se fossem meros exercícios de adestramento técnico. Seria apenas no século XX, tempo generoso ao extremo em seu espírito arqueológico, que essas partituras voltariam à tona, graças certamente à audácia dos artistas que optaram por se dedicar exclusivamente ao instrumento, como Casals, Navarra, Starker, Rose, Fournier, Tortelier, Rostropovich e poucos outros. Vai-se sem dizer que, neste novo século, Antonio Meneses é figura de proa na seleta constelação de grandes astros do violoncelo.

Cada uma das Suítes para *Cello* de Bach começa com um Prelúdio de caráter fantasista, seguido de uma *Allemande* de andamento moderado que, por sua vez, dá lugar a uma mais movimentada *Courante* e a uma meditativa *Sarabande*. Depois dessas danças, então consideradas "sérias" e "antigas", segue-se uma dança mais nova e já algo "galante", podendo esta ser em ritmo de um elegante Minueto, de uma sapeca *Bourrée* ou de uma alegre Gavota. Todas as Suítes são coroadas por uma um tanto rústica e muito viva Giga. Naturalmente, já no tempo de Bach, essas danças todas eram evocadas, em obras instrumentais, sob a ótica da refinada estilização, destinadas assim a fazer dançar o espírito mais que o corpo.

O especialista Karl Geiringer faz-nos lembrar: "Para ampliar as possibilidades técnicas e coloristicas do instrumento, Bach determinou que, na Quinta Suíte, em Dó menor, a corda superior fosse afinada em Sol, no lugar de Lá (a Quinta Suíte também foi arranjada para alaúde, pelo próprio compositor). A Sexta Suíte, em Ré maior, foi escrita para um instrumento um tanto enigmático, que juntou uma quinta corda, afinada em Mi, às costumeiras quatro cordas do violoncelo. Esse *violoncello a cinque corde* não era a *viola pompposa*, afirmação geralmente feita na biografia de Bach; C. Sachs, que retificou o erro, também questiona o mito segundo o qual Bach seria o inventor da *viola pompposa*. A tessitura da obra é, conseqüentemente, mais alta que a das outras Suítes, o que empresta à sonoridade um peculiar caráter de contratenor".

Suíte nº 1, em Sol maior, BWV.1007

A obra é aberta por um *Prélude* intenso, no qual a presença constante de curtas semicolcheias garante o fluir em torvelinho de arabescos melódicos os quais, colocados em cordas vizinhas, ganham coloridos diferenciados. A algo melancólica e cerimonial *Allemande* que vem depois leva, como em duas outras Suítes, a indicação de tempo *Alla breve* – demandando assim maior velocidade à sua execução –, e as semicolcheias de seu desenho aproximam-na da seção anterior. Vem, então, uma peninsular *Courante* que esparrama notas de valores variados por todas as cordas do instrumento, fazendo um belo contraste com a *Allemande*, por revelar uma fisionomia muito bem-humorada. A *Sarabande*, logo depois, restabelece um certo ar mais compenetrado, organizando-se com sábia imponência para ser, imediatamente após, substituída por um despreocupado par de *Menuets*. Esses Minuetos (o segundo, *minore*, tem sempre o

Mi bemolizado) são o que são: alegres e elegantes. A *Gigue* de encerramento frustra, a seu modo, a expectativa: onde se pensava encontrar uma peça séria, há um turbilhão de melodias que se divertem, aqui e ali, em se deixar enunciar sem uma de suas notas, em meio a síncopes que conotam humor.

Suíte nº 2, em Ré menor, BWV.1008

Já se disse que, para Bach, a tonalidade de Ré menor está relacionada a discursos concebidos com nobreza, onde despontam vagas de melancolia. Nesta Suíte, na qual os movimentos são idênticos aos da Primeira, cada seção parece dobrar-se ao peso de uma carga emocional mais forte, concretizada em tons algo sombrios. O *Prélude* escorre em forma de uma livre fantasia, com um tema ágil sendo acentuado no segundo compasso do seu 3/4. A *Allemande* em 4/4, diferentemente daquela da Suíte em Sol maior, é lenta e possui contrapontos repletos de ornamentações. A *Courante*, por sua vez, não deseja outra coisa além de ser movimento organizado e vital. É então que a *Sarabande* arma-se com força sobre acordes de grande ressonância e, aqui e ali, propõe como que perêntesis harmônicos a serem preenchidos pela percepção do ouvinte. Os *Menuets*, apesar da tonalidade, conseguem funcionar como instantes de menor tensão: o primeiro (repetido depois) está cheio de acordes sonoros; o segundo, no modo maior, é marcado por melodias delicadas. A *Gigue* final é uma imponente coroação, texto complexo a se espraiar por regiões tonais pouco esperadas, exibindo o seu tema recortado com firmeza.

Suíte nº 3, em Dó maior, BWV.1009

A corda mais grave utilizada solta, Dó, reboa por todo o *Prélude*, bastante extenso, nessa página que é uma das prediletas dos *cellistas*, graças à riqueza da sua sonoridade. A *Allemande* que se segue é recheada de ritmos desencontrados e fornece, por sua vez, um vivo contraste para a *Courante* colocada depois dela, um ininterrupto escorrer de um gracioso fio melódico, no qual os movimentos do arco fazem tudo para não deixar que o fluxo seja cortado. A *Sarabande*, repleta de audácias harmônicas, é substituída por um par de *Bourrées* que, lembrando a sua antiga origem coreográfica, faz o instrumento dançar uma das melodias de maior sucesso de Bach, conhecida até mesmo junto ao público não acostumado à sua arte. A *Gigue* final, alegre nos seus saltos em direção às regiões agudas, é tida como uma das mais inventivas do autor, graças à sua melodia espantosamente mutável.

Suíte nº 4, em Mi bemol maior, BWV.1010

Do ciclo todo, esta é a Suíte que menos exige da parte do ouvinte, dando-lhe em troca momentos de pacífica e prazerosa fruição estética. O *Prélude*, construído de forma franca e direta, gera suaves cadências, elaboradas para fazer valer o brilho do intérprete. A *Allemande*, também de fatura relativamente longa, transcorre leve e sem complicações em seu andamento apressado pelo autor (*Alla breve*), logo dando lugar a uma *Courante*, que contrabalança passagens de sólida métrica com momentos em que até cinco valores diferentes são colocados em jogo, a fim de engendrar ritmos inesperados. A *Sarabande*, que utiliza com freqüência o contraponto em duas partes, inclui-se no espírito geral da obra, de grande calma, mas não deixa de assumir, por instantes, uma feição mais meditativa e introvertida. As *Bourrées* I e II soam felizes e claras: a primeira delas tem um certo humor em suas seqüências de cinco notas enunciadas com leveza e velocidade; a segunda, elaborada a partir de valores de duração mais longa, sugere tranqüilidade. A *Gigue* desta Suíte, isto já foi dito mais de uma vez, parece ser um *perpetuum mobile*, na medida em que raramente deixa alguma pausa para a "respiração" do instrumentista. Pulsando intensamente em compasso 12/8, ela não esconde sua vontade de explorar as suas raízes dançantes.

Suíte nº 5, em Dó menor, BWV.1011

A Quinta Suíte é considerada a menos usual de todas as dessa série, tanto do ponto de vista técnico quanto estético. Por um prisma, há a *scordatura* (uma afinação fora dos padrões habituais) da corda mais aguda – de Lá para Sol –, e não da corda mais grave, como seria de se esperar. Por outro prisma, existe o desenho peculiar de cada um dos movimentos, bastante diferente do das outras cinco Suítes. O clima geral da obra é dado pelo grave *Prélude* inicial, que comporta uma fuga a duas vozes e no qual está presente o espírito de uma elaborada *ouverture* francesa. A *Allemande* é poderosa nos seus recitativos enunciados através de figurações complexas, em um amplo espectro harmônico. A *Courante*, por sua volta, sendo rápida, fornece o contraste desejado; imediatamente depois, segue-se uma *Sarabande* a um só tempo delicada e concentrada, de grande tensão harmônica.

Não raro, ela inverte certas células rítmico-melódicas, causando um leve *frisson* à audição. As *Gavottes* I e II, em tom maior, destinadas a servir de *intermezzi*, também causam surpresa: suas figurações são tão diversas – a primeira é em ritmo binário, a outra em ternário –, que nos custa acreditar serem baseadas no mesmo gênero de dança. O tom melancólico inicial é novamente estabelecido com o auxílio de uma *Gigue* em 3/8, que mais parece uma transfiguração de alguma dança italiana, de uma siciliana, talvez.

Suíte nº 6, em Ré maior, BWV.1012

A tessitura tantas vezes aguda desta Suíte parece ser um belo indício no sentido de provar ter sido ela escrita para um violoncelo que contasse com uma corda a mais do que o costume – uma corda Mi acima da corda aguda Lá. O longo *Prélude* inicial brilha em seus complexos grupos de notas que são o prazer-terror dos instrumentistas, em guirlandas sonoras que, por outro lado, são a alegria de todo o ouvinte sensível. A *Allemande*, lenta e de fatura elaboradíssima, está repleta de um sem número de pequenas variações métricas que conferem a ela um clima simultaneamente livre e expressivo. A *Courante*, com suas linhas endereçadas ao agudo, dá um toque mais alegre à partitura, divertindo-se em inverter alguns de seus desenhos básicos. A *Sarabande* é uma indiscutível obra-prima na sua maneira de erigir-se a partir de acordes que devem ser enunciados em *legato*; seu ar de pompa é logo substituído pelo clima alegre do par de *Gavottes*, o momento mais despreocupado da obra. E ela é encerrada por uma *Gigue* em compasso 6/8 a qual, de início, evoca uma atmosfera marcial (ou de caça), para logo em seguida expandir-se em motivos luminosos, epifânicos.

Comentários por J. Jota de Moraes

As Alusões às Suítes de Bach por Seis Compositores Brasileiros Atuais

Ronaldo Miranda (1948)
Etius Melos (Hommage à Bach)

A obra *Etius Melos – Hommage à Bach* foi composta por Ronaldo Miranda em janeiro de 2005, por solicitação do violoncelista Antonio Meneses, para funcionar como uma espécie de preâmbulo para a Suíte nº 1, em Sol Maior, para Violoncelo Solo, de Johann Sebastian Bach. O próprio título da composição – *Etius Melos*, um anagrama de *Suíte em Sol* – já revela a origem da peça objeto da homenagem. Projetando uma forma ternária simples, Ronaldo Miranda utilizou, em *Etius Melos*, o motivo básico do início do Prelúdio da Suíte em Sol, de Bach, modificando-o rítmica e melodicamente, com um intervalo aumentado. Esse é o ponto de partida das seções extremas – primeira e última – da obra. A parte central focaliza o tema utilizado por Bach na seção intermediária do Minueto, cujo contorno melódico, em Sol menor, denota uma atmosfera dolente, de caráter quase "seresteiro". O compositor identificou nesse motivo bachiano a mesma brasilidade que Heitor Villa-Lobos revelou em Bach, na sua série Bachianas Brasileiras: um clima que pode ser transubstanciado da Alemanha do século XVIII para o Brasil dos nossos dias.

Marlos Nobre (1939)
Cantoria para Violoncelo Solo
Dedicada a Antonio Meneses

Cantoria para Violoncelo Solo nasceu da sugestão de Antonio Meneses para que eu escrevesse um prólogo à Suíte nº 2, em Ré menor, de Bach, e tem sua célula básica no pequeno motivo inicial dessa Suíte, que é o germe de toda a obra, Ré – Fá – Lá. De maneira totalmente natural, o pequeno motivo bachiano desenvolveu-se em minha mente como o impulso inicial de uma cantilena à maneira das cantorias do nordeste do Brasil, mais especificamente dos cantadores populares de Pernambuco, de onde, coincidentemente, tanto Meneses como eu somos originários. A *Cantoria* retoma portanto a idéia do improviso do cantador nordestino, desenvolvendo-se em dois climas, um notadamente tonal e outro atonal, culminando em uma frase exaltada tipicamente nordestina.

Marlos Nobre

José Antônio de Almeida Prado (1943)
Praeambulum

Através de uma encomenda do grande violoncelista Antonio Meneses, compus em 2004 a peça *Praeambulum*, para ser tocada antes da Suíte nº 3, em Dó Maior, de J. S. Bach. É uma escrita em torno de Dó Maior, livremente tonal, e aparecem vez ou outra as quatro notas relativas ao nome de Bach: Si bemol – Lá – Dó – Si. Alguns melismas nordestinos homenageiam as raízes pernambucanas de Antonio Meneses. Termina numa dominante, com harmonia de Sol Maior, antecipando o início da Suíte de Bach.

Almeida Prado

Edino Krieger (1928)
Pequena Seresta para Bach

Foi Villa-Lobos quem primeiro reverenciou, em suas Bachianas Brasileiras, a relação musical efetivamente existente entre a obra de Bach e certos elementos constitutivos do pensamento musical brasileiro. A proposta de Antonio Meneses, ao solicitar a seis compositores brasileiros de agora páginas introdutórias ao Ciclo de Suítes de Bach para Violoncelo Solo, configura-se como um prolongamento, guardadas as distâncias de dimensões e de estilo, da homenagem genial de Villa-Lobos. A *Pequena Seresta para Bach* é uma página singela que deve ser compreendida sobretudo dentro desse contexto. Inicia-se com uma linha melódica de caráter seresteiro, que aos poucos cede lugar a procedimentos instrumentais encontrados nas Suítes, mas numa linguagem mais contemporânea, para retornar, nos momentos finais, ao clima seresteiro inicial.

Edino Krieger

Marisa Rezende (1944)
Preludiando

Preludiando parte da proposta de Antonio Meneses, a quem a peça é dedicada, de servir como um prelúdio à Suíte nº 5, para Violoncelo Solo, de Bach. Assim, a peça sugere elementos presentes à linguagem barroca, como um ou outro fragmento melódico, uma ou outra figuração, e até mesmo uma referência a Dó menor, tom dessa Suíte. O discurso constrói-se de forma fragmentada, como a negar os afetos estabelecidos por seu modelo, introduzindo uma ambigüidade marcante de um outro tempo, um tempo de dúvidas.

Marisa Rezende

Marco Padilha (1955)
Invocatio nº 1, para Violoncelo Solo

Em uma de suas poesias, Vinícius de Moraes nos passa um momento de profunda lucidez: "Longe está o espaço onde existem os grandes vôos e onde a música vibra solta". Assim penso minha música. Assim é *Invocatio nº 1, para Violoncelo Solo*, um preâmbulo à Suíte nº 6, de J. S. Bach. Escrita em linguagem contemporânea, com contraponto livre e apoio em trítonos, a obra se desenvolve até ser bruscamente interrompida por uma espécie de coral bachiano muito lento. Novamente, retornam os trítonos e efeitos que conduzem, aos poucos, para um chamado ao tema do Prelúdio da aludida Suíte, deixando caminho para que a grande música de Bach vibre solta.

Marco Padilha

Edição Rui Fontana Lopez
Design gráfico Carlo Zuffellato e Paulo Humberto L. de Almeida
Assistente de design Frederico Perret
Tradução Eduardo Brandão
Foto do artista Marco Borggreve / Warner Classics
Editoração eletrônica BVDA / Brasil Verde
Fotolitos e impressão Blend Bureau / Gráfica Sonora

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Temporada 2005

25 e 26 de abril — Teatro Cultura Artística
Antonio Meneses *Violoncelo*

12 e 19 de maio — Teatro Cultura Artística
Combattimento Consort Amsterdam
Jan Willem de Vriend *Regência e Violino solista*

30 e 31 de maio — Teatro Cultura Artística
Quarteto Guarneri *Cordas*

20 e 21 de junho — Sala São Paulo
Lincoln Center Jazz Orchestra
Wynton Marsalis *Regência e Trompete solista*

29 e 30 de junho — Teatro Cultura Artística
Il Giardino Armonico
Giovanni Antonini *Regência e Flauta solista*

8 e 9 de agosto — Sala São Paulo
Orquestra Filarmônica de Israel
Zubin Mehta *Regência*

29 e 30 de agosto — Sala São Paulo
Orquestra Filarmônica de São Petersburgo
Yuri Temirkanov *Regência*

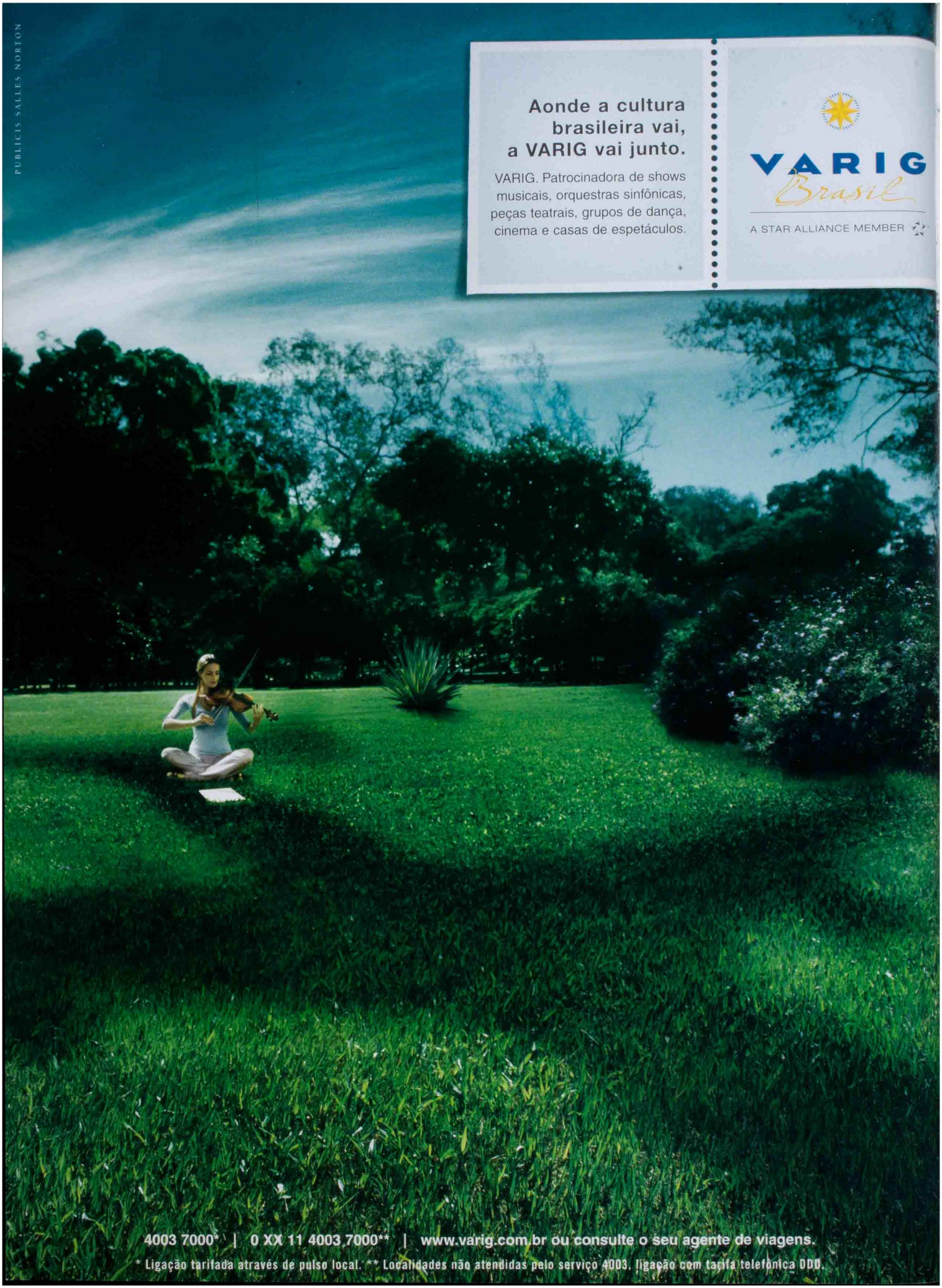
5 e 6 de setembro — Teatro Cultura Artística
Accentus Coro de Câmara
Laurence Equilbey *Regência*

1 e 2 de outubro — Teatro Cultura Artística
Orquestra Filarmônica de Dresden
Rafael Frühbeck de Burgos *Regência*

17 e 19 de outubro — Teatro Cultura Artística
Arcadi Volodos *Piano*

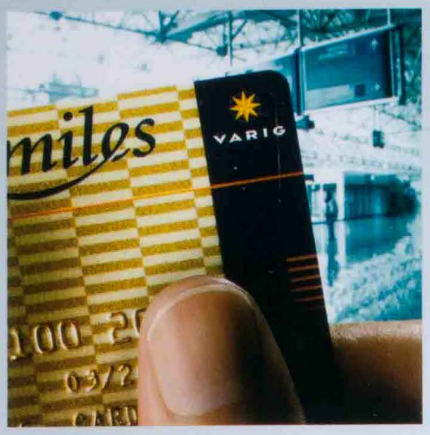
Programação sujeita a alterações.

Sociedade de Cultura Artística
Rua Nestor Pestana, 196 01303-010 São Paulo SP Brasil
Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br


PUBLICIS SALLES NORTON
Aonde a cultura brasileira vai, a VARIG vai junto.
VARIG. Patrocinadora de shows musicais, orquestras sinfônicas, peças teatrais, grupos de dança, cinema e casas de espetáculos.
VARIG
Brasil
A STAR ALLIANCE MEMBER
4003 7000* | 0 XX 11 4003 7000** | www.varig.com.br ou consulte o seu agente de viagens.
* Ligação tarifada através de pulso local. ** Localidades não atendidas pelo serviço 4003. Ligação com tarifa telefônica DDD.

4003 7000* | 0 XX 11 4003 7000** | www.varig.com.br | consulte uma loja VARIG ou o seu agente de viagens.

PUBLICIS SALLES NORTON



PROGRAMA SMILES.
O MAIS COMPLETO
E O QUE PREMIA MAIS RÁPIDO
NA AMÉRICA LATINA.

NOVAS AERONAVES.
SÃO MAIS DE 80 AVIÕES,
ENTRE ELES OS NOVOS
BOEING 777 E BOEING 757.

MAIS DIVERSÃO E CONFORTO A BORDO.
VÍDEOS INDIVIDUAIS, MAIS FILMES,
RÁDIO VARIG E TODO O CARINHO DO
ATENDIMENTO QUE VOCÊ JÁ CONHECE.

VIAJAR COM CONFORTO,
RAPIDEZ E TRANQÜILIDADE TEM NOME:
VARIG, VARIG, VARIG.

VARIG Brasil
A STAR ALLIANCE MEMBER

*Ligação tarifada através de pulso local. **Localidades não atendidas pelo serviço 4003, ligação com tarifa telefônica DDD.

A GENTE VAI MAIS LONGE POR VOCÊ.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Mantenedores e Amigos – 2005

Mantenedores

Adroaldo M. Silva
Affonso Celso Pastore
Alexandre Fix
Alfredo Rizkallah
Aluízio Rebello de Araújo
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Annete e Tales P. Carvalho
Antonio Carlos Araújo Cintra
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Centauro Equip. de Cinema e Teatro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Colégio Bandeirantes S/A
Estrela do Mar Participações
Fabio Carramaschi
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe Arno
Fernando Carramaschi
Fernão Carlos B. Bracher
George Gerard Arnhold
Henrique e Eduardo Brenner
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Lívio De Vivo
Luis Sthulberger
Luiz Rodrigues Corvo
Luiz Villares
Maria Regina Yazbek
Mario Arthur Adler
Mauris Warchavchik
Michael e Alina Perlman
Milú Villela
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Nelio e Izelinda Garcia de Barros
Nelson Zuanella
Plínio José Marafon
Raul Sergio Hacker
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto e Yara Baumgart
Ruy e Célia Korbvicher
Sonia Regina de Álvares O. Fernandes
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Thomaz Farkaz
Vavy Pacheco Borges
Wolfgang Knapp
2 mantenedores anônimos

Amigos

Afonso H. S. Sousa Jr.
Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Alice Alves de Lima
Aluízio Guimarães Cupertino
Álvaro Oscar Campana
Ana Lucia Moreto Nogueira
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
André Luiz Shinji Hayata
Anna Maria Tuma Zacharias
Anna Mariani
Antonio Roque Citadini
Ayako Nishikawa
BVDA – Brasil Verde Design
Carlos J. Rauscher
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
César Tácito Lopes Costa
Claudia Lorch
Cláudio Halaban
Cláudio R. Cernea
Corina e Julio Revkolevsky
David Casimiro Moreira
Domingos Durant
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Eduardo L. P. R. de Almeida
Eduardo M. Zobaran
Eduardo R. Melo
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elisa Wolynec
Fabio Konder Comparato
Fanny B. Levy
Felipe e Hilda Wroblenski
Fernando K. Lottenberg
Francisco H. de Abreu Maffei
Gerard Loeb
Gerry Lingfield
Giovani Guido Cerri
Heinz Jorg Gruber
Heloisa Lourdes Alves Motta
Henrique B. Larroudé
Heraldo Luis Marin
Hilda Mayer
Horácio Mário Kleinman
Izabel Sobral
Jacob Gorender
Jaime Pinski
Jairo Cupertino
Jayme Rabinovich
Jeanette Azar
João Baptista Raimo Junior
João Gomes Caldas *in memorian*
Jorge e Liana Kalil
José Roberto Mendonça de Barros
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Lelena e Sérgio Mindlin
Lia Fukui
Lilia Salomão
Lina Saigh Maluf
Lucila Pires Evangelista
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Maol Empreendimentos S/C Ltda
Marcello Franco
Maria Adelaide Amaral
Maria Carolina Brando
Maria de Los Angeles Fanta
Maria Malta Campos
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Maria Tereza Gasparian
Marianne e Ruy George Fischer
Mario Higino N. M. Leonel
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Miriam Matile
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Neli Aparecida de Faria
Nelson Vieira Barreira
Oscar Lafer
Paulo Yokota
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
RCS Auditores
Regina Weinberg
Ricardo Ramenzoni
Roberto Calvo
Roberto Mehler
Rogério Ribeiro da Luz
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Sandra Elkis Cambur
Sérgio Leal Carvalho Guerreiro
Tamas Makray
Tarcísio Vieira Ramos
Thyrso Martins
Ulysses P. Eduardo Jr.
Walter Ceneviva

Lista atualizada em 8 de abril de 2005.

Próximos Concertos

Teatro Cultura Artística

Combattimento Consort Amsterdam
Jan Willem de Vriend *Regência e Violino Solista*

12 de maio, quinta-feira

Bach Sinfonia *Am Abend aber derselbigen Sabbaths*
e Concerto para 3 Violinos e Orquestra
Telemann Concerto para Flauta e Violino
Vivaldi Concerto Grosso Mogul e Concerto para Flauta e Oboé
Zavateri Concerto *A Tempesta di Mare*
Rameau Suíte *Surprises de l'Amour*

19 de maio, quinta-feira

Vivaldi Concerto Grosso Mogul e Concerto para Flauta e Oboé
Albinoni Concerto para 2 Oboés e Orquestra
Bertali *Tausend Gülden* Sonata a 2 e Sonata a 3
Fraanz von Biber *Arien* a 4
Bach Concerto para 3 Violinos e Orquestra
Rameau Suíte *Surprises de l'Amour*

O conteúdo editorial dos programas da
Temporada 2005 encontra-se disponível em
nosso site www.culturaartistica.com.br
uma semana antes dos respectivos concertos.